

cadernos
IHU
ideias

**“Passemos para
a outra margem”
da homofobia ao respeito
à diversidade**

Omar Lucas Perrout Fortes de Sales



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



cadernos **IHU** ideias

**“Passemos para
a outra margem”
da homofobia ao respeito à diversidade**

Omar Lucas Perrout Fortes de Sales

ano 9 nº 158 2011 ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 9 – Nº 158 – 2011

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Marcelo Leandro dos Santos

Revisão

Isaque Gomes Correa

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

“PASSEMOS PARA A OUTRA MARGEM” DA HOMOFOBIA AO RESPEITO À DIVERSIDADE

Omar Lucas Perroux Fortes de Sales

1 Introdução¹

*Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto.
Chamei de mau gosto o que vi.
É que Narciso acha feio o que não é espelho.*
Caetano Veloso

Narciso é lembrado na mitologia grega pelo sentimento de aversão ao que não reflete os traços que o caracterizam e individualizam. O eu narcísico busca no outro uma mera extensão de si mesmo, daí a direta identificação com o espelho. Na filosofia contemporânea, Emmanuel Lévinas demonstra o desejo de absolutização do *eu* e a conseqüente negação da alteridade (*outro*) como violência presente nas relações humanas e institucionais. O filósofo Enrique Dussel, a partir da América Latina, confere concretude histórica ao outro negado enquanto coletividade ameríndia subjugada pelo *ego conquiro* (eu conquisto) da racionalidade do colonizador. Encarna, na perspectiva da filosofia da libertação e da teologia da libertação, a reflexão proposta por Lévinas. Ilumina, com a práxis de libertação que propõe, a luta dos excluídos e marginalizados em prol da possibilidade de afirmação, manutenção e reprodução da vida.

Historicamente muitos foram os mecanismos e as formas de legitimação da negação do outro. O outro concreto e sujeito a clamar seus direitos: a mulher, o escravo, o índio, o estrangeiro, o homossexual..., o outro dissonante da expectativa que a sociedade elege como paradigma comportamental. Nos dias atuais, em meio a tantos preconceitos, urge reflexão a contemplar o outro negado em seu direito fundamental à liberdade da identidade de gênero.

1 “*Passemos para a outra margem*” é um trecho de Mc 4, 35. O presente texto é dedicado à memória do amigo Dejair Gonçalves de Almeida.

O presente texto visa estabelecer uma aproximação inicial ao complexo universo da intolerância velada e exposta, cultivada e direcionada àqueles e àquelas que protagonizam a existência da diversidade sexual e constituem alvo de homofobia. Os meios de comunicação conferem visibilidade aos casos de homofobia por todo o país e já não mais se pode negar sua presença na sociedade. Importa situar o estado da questão e trazer à tona alguns dados da homofobia no Brasil, no intuito de se demonstrar/denunciar a violência ainda presente após tantas lutas em prol dos direitos humanos.

Desvelar as ideologias subjacentes à homofobia e à defesa da heteronormatividade conduz ao questionamento do papel das pessoas e instituições no tangente à possibilidade da mudança de perspectiva. Para tanto, elegem-se três eixos principais: a negação/subordinação da mulher e dos valores femininos; o discurso religioso e a homofobia; os limites da reflexão filosófica acerca do encontro entre alteridades.

A discussão acerca da via de superação da homofobia passa pela resignificação de valores já arraigados na cultura e culmina na abordagem das condições de possibilidade de “passagem para a outra margem”. Situar as margens do problema permite estabelecer fundamentos à crítica da realidade e o apontamento de atitudes concretas em prol da mudança. Na esteira de Leonardo Boff, a presente reflexão privilegia a dimensão do cuidado como paradigma capaz de oferecer elementos norteadores capazes de reconfigurar as relações humanas.

2 O desafio da superação da homofobia

*Triste época: é mais fácil desintegrar um átomo
que um preconceito.*

Albert Einstein

2.1 Homofobia: aproximação conceitual

A homofobia expressa a aversão, o ódio e o preconceito nutridos contra as homossexualidades, travestilidades e transexualidades constitutivas dos desdobramentos da identidade de gênero sexual presentes em nosso meio. Assim como o racismo arbitrariamente classifica o outro como inferior, anormal, não desejável, o discurso homofóbico, herdeiro da força do patriarcado e da heteronormatividade, finca raízes na cultura e repudia outros padrões de exercício da sexualidade.

A homofobia perpassa a racionalidade das instituições familiares, de ensino, laborais, eclesiais, demonstrando-se elemento arraigado, de modo feral, à cultura ocidental. Facilmente

a homofobia difunde seus veios mediante a sutileza de detalhes, como a ontológica classificação das cores adequadas ao uso dos sexos, por exemplo. Meninos usam azul; meninas usam rosa. Algumas outras cores transitam na zona de fronteira entre os espaços pré-determinados. Ao passo que as cores possuem tal mobilidade, o mesmo não se constata no exercício da sexualidade. Nesse caso, as possibilidades encontram-se devidamente inscritas e ditadas pelo *modus vivendi* dominante. O que “escapa” ou “transita” fora dos padrões pré-estabelecidos torna-se alvo da negação e, portanto, da destinação da homofobia de uma sociedade cada vez mais plural e paradoxalmente cada vez mais hábil em transfigurar diferenças em desigualdades e a qualificar o que se situa fora do “controle de qualidade” como estranho, bizarro ou extravagante. “Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antisemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos”².

A homofobia simultaneamente pode expressar duplo temor: o da valorização da identidade do outro e o da contestação da identidade pessoal perante a interpelação daquilo que transgride a norma dominante. Em perspectiva mais profunda, pode traduzir a necessidade da autoafirmação da identidade pessoal por meio da negação do outro. Tal fato demonstra-se comum na adolescência, momento em que os púberes despertam de modo mais intenso para a sexualidade. Conflitos caracterizam esse período. Nos jovens e adultos pode traduzir a negação da possibilidade do confronto instaurado pela afecção do outro modo de ser das alteridades sexuais, marca da insegurança pessoal e da constante necessidade de autoafirmação de si mediante a supressão ou negação do outro. Pode ainda indicar atitude machista de agressão à identidade feminina considerada inferior. Daí o preconceito para com as sexualidades a manifestar o feminino.

2.2 Dados da homofobia no Brasil

Na sociedade brasileira atual as estatísticas desenham o triste quadro do preconceito e da intolerância:

O Grupo Gay da Bahia (GGB) divulga o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais de 2010. Foram documentados 260 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no

2 BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 13. O termo homofobia origina-se nos EUA em 1971 e apenas em 1998 aparece pela primeira vez em um dicionário de língua francesa. O livro “*Homofobia: história e crítica de um preconceito*” oferece vasta reflexão acerca do conceito homofobia bem como apresenta os desdobramentos concretos de sua expressão na cultura ocidental.

Brasil no ano passado, 62 a mais que em 2009 (198 mortes), um aumento 113% nos últimos cinco anos (122 em 2007). Dentre os mortos, 140 gays (54%), 110 travestis (42%) e 10 lésbicas (4%). **O Brasil confirma sua posição de campeão mundial de assassinatos de homossexuais:** nos Estados Unidos, com 100 milhões a mais de habitantes que nosso país, foram registrados 14 assassinatos de travestis em 2010, enquanto no Brasil, foram 110 homicídios. O risco de um homossexual ser assassinado no Brasil é 785% maior que nos Estados Unidos³.

A pesquisa indica ainda que nos três primeiros meses de 2011 foram documentados 65 homicídios cometidos contra homossexuais. Significa, segundo os dados apresentados, 113% de aumento de assassinatos nos últimos 5 anos.

As manchetes jornalísticas atestam a presença, sobretudo nas grandes cidades, de vários grupos e tribos a revelar vocação violenta e excludente. Dentre estes, os denominados skinheads endossam as estatísticas e compõem o gráfico dos horrores da intolerância que sondam a noite nas ruas do Brasil:

Os “carecas do Brasil” tem [sic] o costume de reforçar em sua corporalidade e expressões simbólicas um perfil masculinizado, traduzido na sustentação de condições de virilidade, culto ao corpo e exercícios de musculação e estilização corporal que evidenciam a conotação de agressividade ao visual grupal e os auxilia a exercer seu poder com violência contra minorias sociais, àquelas que desviam desses padrões e princípios identitários conservados pelos *skinheads* em questão.⁴

Ataques têm sido constantes na cidade de São Paulo,⁵ assim como em outras cidades do país, o que leva a comunidade LGBT⁶ a reivindicar das esferas públicas ações em prol da garantia de segurança e dos direitos humanos. A luta pela aprovação do projeto de lei da criminalização da homofobia tem sido mar-

3 Para acessar os dados completos da pesquisa, consultar a fonte considerada: <http://twixar.com/flZN7NKhdV2>. Data de acesso: 07-09-2011. Grifo nosso.

4 POSSAS, L. M. V. “As múltiplas significações de gênero: reflexões a partir da violência e da exacerbação da masculinidade de um grupo de skinheads paulista”. In: *Espaço cultural*. Ano X, n. 21, 2º semestre de 2009. Marechal Cândido Rondon: CEPEDAL, p. 99. (p. 97-104). Em Belo Horizonte mais um ataque comprova a intolerância presente no grupo em questão: “A Praça da Liberdade volta a ser palco de intolerância e preconceito envolvendo a tribo conhecida como skinhead. Na noite desta quarta-feira (07/09/11), dois jovens homossexuais foram agredidos por dois rapazes, entre eles um adolescente de 17 anos, que, segundo a polícia, pertencem ao grupo dos ‘carecas’, como são conhecidos, e declaram ódio aos homossexuais. Uma das vítimas foi atingida por um golpe de canivete”. Disponível em: <http://twixar.com/8ZLqGuL3XsDK>. Data de acesso: 16-09-11.

5 Cf.: <http://twixar.com/A8EKawXAq9L>. Data de acesso: 18-09-11.

6 A sigla LGBT congrega lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

cada por fortes entraves entre o grupo consciente comprometido com a causa dos direitos humanos e o grupo composto por membros de igrejas atreladas a determinados valores morais carentes de sentido nos tempos de hoje e pelos homofóbicos que parecem possuir cadeira cativa no Congresso Nacional. A atual lei brasileira já pune as discriminações por raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Com a nova proposta, a incluir a homofobia, passaria a punir também a violência exercida contra o outro, em função da orientação sexual. Pelo projeto, a mesma proteção contra a discriminação que se dá hoje ao negro seria estendida à diversidade sexual. Uma mudança simples na lei que poderia revolucionar a vida de tantas pessoas agredidas cotidianamente por todo o Brasil.

Associada à necessidade de se criminalizar a homofobia, urge a aplicação de políticas públicas destinadas à educação da sociedade e à formação das futuras consciências críticas cidadãs, bem como da sociedade como um todo. “Enquanto problema social, a homofobia deve ser considerada como um delito suscetível de sanção jurídica; todavia, a dimensão repressora é destituída de sentido se ela não for acompanhada por uma ação preventiva”.⁷ Lamentavelmente a presidente Dilma suspendeu a distribuição do denominado kit anti-homofobia, destinado às escolas públicas. Após forte pressão das bancadas evangélicas e religiosas o material foi considerado impróprio ou inadequado para os alunos.⁸ Retrocesso de um passo que poderia marcar o início de um novo tempo na educação brasileira. O material, também destinado aos educadores, poderia conscientizar o corpo docente composto por muitos membros homofóbicos.⁹ “O sexismo e a homofobia no ambiente escolar produzem sofrimento e injustiça. Estigmatização e preconceitos afetam as relações sociais e pedagógicas e são fatores de marginalização e exclusão de indivíduos e grupos”.

2.3 Horizonte de resposta à homofobia: a afirmação da diversidade

Em contrapartida à homofobia, os movimentos do orgulho da diversidade LGBT erguem-se como afirmação do direito da

7 BORRILLO, D. *Homofobia*. Op. cit., p. 107.

8 Disponível em: <http://twixar.com/iGw7HaFdjFLV>. Data de acesso: 16-09-11.

9 Entrevistada acerca da homofobia presente entre o corpo docente da escola em que estuda, a travesti Núbia (nome fictício) relatou: “Os preconceito que vivo é muito grande. Alguns professores se recusam a me chamar por meu nome social e por vezes soltam algum tipo de piada acerca do meu trabalho. Tive de buscar apoio na lei para fazer valer o direito de ser chamada pelo nome que escolhi”. Entrevista realizada pelo autor do presente artigo durante a I Conferência Municipal LGBT de Belo Horizonte intitulada “Por uma BH livre da pobreza e da discriminação: promovendo a cidadania LGBT”. A conferência foi organizada pela Secretaria Municipal adjunta de Direitos de Cidadania e ocorreu nos dias 09 e 10 de setembro de 2011 no prédio da Secretaria Municipal de Educação.

existência da diferença, bem como do direito à igualdade na diferença e da valorização da multiplicidade de cores e sabores para além de um princípio absoluto a determinar a normatividade unívoca da vivência da sexualidade. Multiplicação de paradas do orgulho gay, marcha das lésbicas e dos bissexuais, fundação de ONGs, núcleos de estudos da diversidade sexual e etc. atestam a reação/resposta das minorias, atitude de positividade por excelência, uma vez que se prestam a negar a negação a recair sobre si.¹⁰ Tal embate, por vezes, acirra os ânimos entre as partes em jogo, exalta as diferenças e traz à tona a pauta de discussão acerca da diversidade.

Ao conceder visibilidade a um grupo marginalizado que durante séculos teve de se contentar ao confinamento e à prisão “no armário”, os eventos LGBT compõem o cenário pós-moderno de emergência da contestação da verdade absoluta, a diluir os grandes relatos de outrora em relatos enfraquecidos e decompostos em diversas possíveis interpretações. A verdade dos então metarrelatos escoia agora pelos relatos enfraquecidos e pelas narrativas despretensiosas em relação à garantia de uma verdade unívoca. Instaure-se, desse modo, o fim da verdade ou o momento crucial de sua despedida.¹¹ Tal elemento característico da racionalidade pós-moderna perpassa o modo pelo qual os sujeitos sociais interagem com o mundo e se reorganizam ao interpretar e dizer a situação presente.

2.4 A diversidade além do estranhamento

*O importante é ser você.
Mesmo que seja estranho, seja você.
Mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro...*
Pitty

No intuito de se reivindicar a outro olhar acerca das diversidades sexuais cunhou-se, sobretudo nos Estados Unidos por volta do final da década de 1980, o termo *queer*, que passa a denominar o grupo de pessoas disposto a romper com a ordem

10 A Universidade Federal de Minas Gerais protagoniza excelente iniciativa desenvolvida pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT a congregar pesquisadores comprometidos com a formação de uma sociedade inclusiva por meio do projeto Educação sem Homofobia. Para saber mais sobre o projeto, acesse: <http://www.fafich.ufmg.br/dhglbt/index.php/educacao>.

11 VATTIMO, G. *Addio alla verità*, op. cit., p. 9. Gianni Vattimo, filósofo italiano membro do parlamento europeu, milita em prol da diversidade sexual. Em 2000 enviou uma carta aos parlamentares a favor da liberdade de expressão e do direito à manifestação pacífica da Parada Gay em Roma. Documento disponível em: <http://www.giannivattimo.it/doc/gaypride.html>. Data de acesso: 16/09/11.

heterossexual compulsória estabelecida na sociedade contemporânea e que

pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Esse termo, com toda a sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, **queer significa colocar-se contra a normalização** – venha de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade...¹²

A teoria queer afirma a identidade de gênero dos indivíduos como o resultado de uma construção social. Desse modo, não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana; antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis. Assim, a teoria queer busca exprimir a legitimidade presente nas homossexualidades, nas travestilidades e nas transexualidades (já classificadas como crime, sodomia, amor depravado, doença e etc.) em relação à heteronormatividade. A proposta da teoria queer insere-se nos estudos de gênero pós-identitários ao romper com o clássico eixo heterossexual/homossexual e estudar o travestismo, a transexualidade e a intersexualidade, além das culturas sexuais não hegemônicas caracterizadas pela subversão ou rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e ou afetivo.

Há também os que se demoram na fronteira, aqueles e aquelas que se abandonam no espaço “entre” dois ou mais lugares, que se deixam ficar numa espécie de esquina ou encruzilhada. Algo parecido com o que acontece aos membros de grupos culturais permanentemente em trânsito, sobre os quais se pergunta não tanto o “*de onde você é?*”, mas o “*entre onde você está?*”. A fronteira é lugar de relação, região de encontro, engajamento e confronto. Ela separa e, ao mesmo tempo, põe em contato culturas e grupos. Zona de policiamento é também zona de transgressão e subversão.¹³

Pesquisadores de várias áreas do conhecimento têm insistido na necessidade de se escapar dos mecanismos tendenciosos de se enquadrar as identidades de gênero dentro deste ou

12 LOURO, G. L. *Um corpo estranho*, op. cit., p. 38, grifo nosso.

13 LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 19, grifo nosso. Acerca da complexidade da vida e luta dos travestis sugere-se a seguinte leitura: PELÚCIO, L. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: FAPESP/Anna Belume, 2009.

daquele “contêiner”. A pergunta “entre onde você está?” permite a irrupção de múltiplas possibilidades e se configura tanto mais aberta à pluralidade de opções que compõem o caleidoscópio multicolorido da diversidade sexual.

3 Horizonte ético-crítico: possibilidade de limites à ditadura da heteronormatividade

A afirmação da possibilidade de existência e da dignidade da diversidade sexual depara-se com valores normativos consolidados, com os quais há de se debater. Não se intenta aqui esgotar tema tão vasto. Antes, pretende-se contemplar reflexão crítica a partir de determinados eixos privilegiados.

3.1 A negação/subordinação da mulher e dos valores femininos

A cientista política britânica Carole Pateman estabelece crítica ao horizonte de efetivação dos ideais da revolução francesa por não representarem noções coextensivas na mesma medida a homens e mulheres. Para a autora, as mulheres não são destinatárias diretas dos ideais motivadores das lutas pelos direitos, mas sim constituem objeto do contrato. O ser-sujeito da mulher reside na sujeição ao contrato (matrimônio) protagonizado e garantido fundamentalmente pelo homem. Nessa perspectiva, o contrato social pressupõe e é antecedido pelo contrato sexual a subjugar a mulher e o feminino. O Pacto Original é tanto um contrato sexual quanto social: é sexual no sentido de patriarcal.¹⁴ Desse modo, a liberdade civil pressupõe o direito patriarcal a difundir os valores masculinos e o ideal da heteronormatividade.¹⁵

A problemática da negação/subordinação da mulher e do feminino constitui elemento presente ao longo dos tempos. Considerar o preconceito direcionado à comunidade LGBT, implica levar em conta a desvalorização e negação da dignidade do feminino e do ser da mulher, presente em falas pejorativas do tipo: *Olha a mulherzinha!* Tal frase, considerada por vezes simples chacota, expressa o sentimento de marginalização do feminino, bem como a desvalorização do papel exercido pela mulher na sociedade. Não por acaso a aversão homofóbica recaia mais fortemente sobre travestis, transexuais e gays afeminados. O imaginário mais tolerante para com o sujeito ativo da relação homoafetiva demonstra a existência do machismo atrelada à heteronormatividade. “A noção de que quem ‘come’ não é exatamente uma bicha como quem ‘dá’ grassou muito forte nos rincões do país por muitas décadas. Estes apontamentos indicam que há

14 PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993, p. 17.

15 Cabe ressaltar que o “machismo”, ao inscrever nas relações humanas a supremacia dos valores tipicamente masculinos em detrimento aos valores femininos, acirra os ânimos entre o feminino e o masculino e fomenta a homofobia.

algo de problemático na nossa equação social no que diz respeito à mulher e ao feminino”.¹⁶

Outro exemplo pode ser encontrado na aprovação e valorização da atitude do homem que se relaciona com várias mulheres e na condenação da mulher que se relaciona com vários homens. A sociedade machista legitima a atitude liberal do homem e condena a possibilidade de a mulher, na mesma medida, exercer o encontro sexual com uma multiplicidade de parceiros. O homem é o “garanhão”, o “machão” da turma. A mulher é a “vadia”, a “cachorra”, etc. Mesmo quando qualificados com o mesmo termo, a interpretação implicada não apresenta equivalência de sentido. Adjetivar o homem de “galinha” não corresponde na mesma medida a assim adjetivar a mulher. Atributos físicos indesejáveis para as mulheres são amenizados, socialmente aceitos e por vezes exaltados para os homens: cabelos brancos, calvície, cicatrizes, excesso de peso na região abdominal... A sociedade demonstra-se mais condescendente com os homens do que com as mulheres. Outros exemplos poderiam compor esse breve rol... Eles demonstram um problema subjacente à homofobia: a questão de como a sociedade arraigada aos valores patriarcais e machistas qualifica e integra o feminino.

A crítica ao sistema pressupõe o reconhecimento do preconceito e da opressão. Os sujeitos envolvidos ao se reconhecerem destinatários da exclusão e da vitimização hão de se organizar e se apresentar como limite à negação da dignidade e da vida. A mudança de paradigma já se faz notar por meio da constante inserção da mulher em setores do mercado de trabalho outrora exclusivamente masculinos, da obtenção de altos cargos e salários e da presença maciça nas universidades. Há muitos casos em que a mulher obtém maior remuneração financeira e sucesso profissional do que o homem. Em alguns casos, a mulher garante a sobrevivência econômica do casal. E a crise de identidade no universo machista se instaura, pois a ascensão da mulher fere os brios masculinos.

O machismo e a heteronormatividade por si só não se impõem questionamentos e não problematizam o próprio modo de conceber a realidade. Entretanto, tal zona de conforto masculina tem sido interpelada. Os movimentos de diversidade sexual e o novo papel e lugar exercidos pela mulher, por sua vez, contestam a ordem vigente da ditadura do paradigma heteronormativo/machista e possibilitam a emergência da discussão e da desinstalação, ainda que gradativa e provisória, do *status quo* dominante. Apresentam-se como condição de possibilidade de conversão da realidade descrita a seguir, arraigada profundamente na sociedade:

16 COLETTI, L. H. *Sobre a heteronormatividade*. Disponível em: <http://twixar.com/KDHdnmpOZ>. Data de acesso 16-09-11.

Por participação, a família, a vizinhança, os companheiros na escola, os meios de comunicação adotam um padrão cultural de expectativas de como um bom menino, um bom rapaz há de comportar-se. Este esquema coletivo funciona como exigência e pressão por cima de todos, mesmo daqueles que descobriram sua mais íntima inclinação de ser homossexual e estão passando por longa fase de incerteza, dúvida e instabilidade até assumirem sua verdade. Sobre seu processo de amadurecimento paira constantemente a sombra ameaçadora da homofobia que a sociedade heterossexual cultiva, bloqueando-lhe o espaço livre de se desenvolver e imprimindo-lhe sentimentos de culpa e inferioridade.¹⁷

À homofobia presente na família, na escola..., acrescenta-se o respaldo oferecido pelo discurso religioso de instituições marcadas pela preservação das verdades absolutas e pouco sensíveis a novas interpretações da revelação que não se esgota na história, antes por ela se deixa interpelar e nela se concretiza.

3.2 O discurso religioso e a homofobia

No ambiente religioso, muitas igrejas endossam o discurso homofóbico da sociedade secular, baseadas na afirmação dos princípios da natureza, segundo os quais o homem deve se unir à mulher e vice-versa, bem como na concepção da sexualidade voltada para a reprodução.¹⁸ Aqui certa contradição se impõe: de um lado, o rigor moral da postura adotada no discurso da hierarquia eclesial, traduzido em homilias públicas e documentos da Igreja, de outro, a flexibilidade e ternura misericordiosa dos aconselhamentos dos clérigos ao se defrontarem no espaço da confissão e da direção espiritual com as angústias sexuais do ser humano. Felizmente a segunda postura conforta e acolhe os que são condenados pelas normas ditadas pelas hierarquias das diversas igrejas. Alguns movimentos eclesiais têm se demonstrado mais acolhedores e discutem/aprovam outros “âmbitos” de vivência conjugal. Outros permanecem atrelados ao preconceito e à exclusão:

O clima adverso e hostil que os homossexuais enfrentam no Brasil não é formado simplesmente pelas atitudes individuais de outras pessoas, **mas encontra seu apoio no sistema moral com sua legitimação religiosa, que domina a sociedade.** Dentro do complexo discriminatório funciona uma estrutura normativa, proibitiva que, sob a capa da tradição judaico-cristã, consolida como espinha dorsal a at-

17 LEERS, B.; TRASFERETTI, J. *Homossexuais e ética cristã*. São Paulo: Átomo, 2002, p. 168-169.

18 DAVI, E. H. *Intolerância e homossexualidade: as marcas da homofobia na cultura ocidental*, p. 121. Disponível em: <http://twixar.com/pg0kp5lgPZYk4>. Data de acesso: 07-09-2011.

mosfera opressora em que os homossexuais não encontram seu caminho para a liberdade. Pelo processo educacional da socialização no ambiente em que nascem e crescem, as pessoas absorvem esta estrutura quase automaticamente, sem tomarem distância crítica para com o padrão de ideias, comportamentos e expectativas, no qual se vão inculturando. O fato de se tratar de tradições seculares, repetidas de geração a geração, também não estimula uma investigação mais acurada.¹⁹

A visão exclusivista do sexo destinado à reprodução da vida abomina outros modos de se exercer a vivência da sexualidade que não se pautem na abertura à procriação e difunde a homofobia.²⁰ O cristianismo, herdeiro da cultura judaica, legitima a heterossexualidade como único comportamento sexual digno de ser qualificado como natural e, conseqüentemente, normal.

Em oposição ao que denomina “amor forte”, apregoado pela defesa da supremacia do amor heterossexual como possibilidade de garantia da procriação, Gianni Vattimo defende o “amor fraco” capaz de reconhecer outras possíveis formas de se amar. Em sua crítica o autor questiona: “de onde vem essa frenética vontade de superpovoar a pobre Terra, que está em processo de exaustão desde que não sejam encontradas novas fontes de energia e de ‘espaços vitais’?”²¹ O “amor fraco” defende a dissolução da violência presente na afirmação objetiva de um único modo de ser. Denuncia o princípio de exclusão e de intolerância característicos da heteronormatividade. Em contrapartida, de maneira mais acolhedora e aberta à diversidade do mundo, enaltece o exercício da autonomia na vivência das pulsões e desejos, bem como na constituição de um núcleo familiar diver-

19 LEERS, B.; TRASFERETTI, J. *Homossexuais e ética cristã*, op. cit., p. 99, grifo nosso.

20 A homofobia tem sido nutrida há tempos pelas formas de repressão da tradição judaico-cristã: “A condenação da sodomia na tradição judaico-cristã – pedra angular do sistema repressivo – aparece como o elemento precursor fundamental das diferentes formas de homofobia” (BORRILLO, D. *Homofobia...*). Na mesma obra, à página 48, o autor relata: “Sob a influência do cristianismo, o Império Romano empenha-se na repressão das relações entre pessoas do mesmo sexo. A crença na qualidade natural e a moralidade das relações heterossexuais monogâmicas – e, correlatamente, a percepção da homossexualidade como prática nociva para o indivíduo e para a sociedade – levam o imperador Teodósio I, em 390, a ordenar a condenação à fogueira de todos os homossexuais passivos. De acordo com o Código Teodosiano (Teodósio II, 438), a atitude passiva, associada necessariamente à feminilidade, implicava uma ameaça para o vigor e a sobrevivência de Roma. A fim de justificar tal severidade, foi necessário apoiar-se nos fundamentos bíblicos da condenação: o Antigo Testamento fornecerá as narrativas de Sodoma e Gomorra; o Novo Testamento, pelo viés das epístolas paulinas, vai permitir a renovação da inveterada hostilidade contra os homossexuais”.

21 VATTIMO, G. O amor fraco. In: *Folha de São Paulo: Caderno Mais*, 02/jul./2006, p. 4. Na sequência Vattimo acirra a crítica: “Se há um sinal de decadência na Igreja Católica, ele está nesta pregação repetitiva do valor da vida, qualquer que ela seja, contanto que possa vegetar e dar continuidade à reprodução”.

so, composto por duas mães ou por dois pais.²² Em tópico específico apresentar-se-á a contribuição esperada das igrejas cristãs em prol da disseminação da homofobia.

A homofobia encontra fundamentação teórica no discurso de alguns autores, dentre os quais Enrique Dussel, e interpela reflexão crítica capaz de apontar os limites do pensamento atrelado à propagação dos preconceitos, como se demonstra a seguir.

3.3 Limites da reflexão filosófica acerca do encontro entre alteridades

O pensamento filosófico pode se prestar a difundir a homofobia. Enrique Dussel, para além dos méritos de sua vasta obra, propõe reflexão acerca das relações humanas a rechaçar os comportamentos a extrapolar a relação erótica esperada entre o homem e a mulher. A crítica do autor culmina por perpetuar o mecanismo de predomínio da visão heteronormativa da sociedade. “A pulsão sexual natural humana ou alterativa é normalmente heteroerótica, mas tal heterogeneidade não é somente a de dois indivíduos de uma espécie, mas a de duas pessoas cujo abismo de distinção [sic] não pode ser atravessado a não ser no respeito, na fé, no amor-de-justiça [sic] e no serviço”.²³

Dussel considera três níveis de relações a compor a dinâmica da vida em sociedade: a política (instaurada entre os irmãos na assembleia, entre os homens e mulheres no exercício de direitos e deveres); a pedagógica (configurada entre pais e filhos, professor e aluno) e a erótica (protagonizada por excelência mediante o encontro entre o homem e a mulher). A relação erótica efetiva-se de modo autêntico, segundo o autor, entre indivíduos do sexo oposto, uma vez que nesse caso há presença de verdadeira distinção de alteridades entre o homem e a mulher. O encontro homoafetivo representaria a mera busca do Eu pelo si próprio. Daí não proporcionar o salto necessário para o encontro concreto com a alteridade e ainda permanecer na lógica da reprodução do mesmo.

Ao reduzir a distinção de alteridades aos aspectos físico-biológicos da genitália, o autor desconsidera a dimensão psíquica, social e a da autonomia, constitutivos do ser humano. No

22 Não se intenta contemplar a questão do direito dos casais homoafetivos à adoção. Entretanto, não se pode deixar de combater o argumento simplista segundo o qual as crianças desses casais se tornariam consequentemente homossexuais. Obviamente nem todas as alunas dos colégios internos dirigidos pelas irmãs de caridade tornaram-se freiras. Os próprios homossexuais nasceram de lares heterossexuais. Cabe ainda a pergunta: o abandono e a permanência na fila de espera por adoção seriam melhores que a obtenção de um novo lar?

23 DUSSEL, E. *Para uma ética da libertação latino-americana*. Vol. III: Erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola/Unimesp, 197-, p. 105. Na mesma linha afirma Tony Anatrella: “O que quer que se diga, a homossexualidade não é uma alternativa à heterossexualidade. Na procura do semelhante, jamais se encontra o outro ou a diferença (ANATRELLA, T. *O amor e o preservativo*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 58-59).

exercício da liberdade, o homem pode se situar diante da mulher no intuito de subsumir a sua alteridade, assim como inversamente pode se situar diante de outro homem no intuito de na proximidade interpelar e promover a comunhão alterativa a partir da distinção existente entre ambos. Nos casos descritos, onde se situaria o confronto de alteridades por excelência? Na afecção de alteridades homoafetivas comprometidas com a práxis da libertação recíproca haveria um débito impagável em relação ao encontro nuclear heterossexual? “Ser para o outro um guia nos momentos difíceis da vida, uma inspiração quando há desencorajamento e o amigo de confiança quando todo o resto falha é conseguir uma intimidade com outra pessoa não apenas pela intimidade física”.²⁴

As ciências humanas podem prestar grande contribuição ao combate à homofobia mediante o questionamento das “grandes verdades” repetidas e arraigadas na cultura, como a descrita acima. Desvelar as ideologias presentes no discurso filosófico, antropológico, sociológico... possibilita a ruptura da racionalidade que as sustentam e favorece a subversão da ordem opressora ainda a serviço da moralidade transfigurada em moralismo dominante e excludente.

4 Possibilidades de superação da homofobia

4.1 Marginalidades em foco

Como se tem insistido, a homofobia constitui o lado por vezes sutil, invisível, subliminar e cotidiano presente, sobretudo, no imaginário do universo heterossexual. Margem sombria a demarcar o mar de medos e inseguranças diante da existência da diversidade sexual. Autoritarismo fundamentalista por considerar uma única ordem objetiva e possível de mundo. Fonte de vitimização da vida de centenas de pessoas cumpridoras de seus deveres e já marcadas pelo desafio pessoal de descoberta de identidades e potencialidades.

Na sociedade de modo geral muitos foram os preconceitos difundidos em torno das práticas sexuais homoafetivas:

Durante muito tempo a epidemia do HIV esteve associada às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e esteve centrada em uma abordagem preconceituosa e excludente. As ações estiveram orientadas para a culpa e a responsabilidade individual, norteadas, portanto, por conceitos equivocados e desfavoráveis à promoção da saúde.²⁵

24 EMPEREUR, J. E. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 219-220.

25 PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Por uma “Belo Horizonte sem homofobia”*: texto base da I Conferência Municipal LGBT de Belo Horizonte, 2011, p. 8.

A crescente banalização do sexo e da sexualidade e a dificuldade da vivência de autêntica sexualidade adulta também endossam o rol de críticas e preconceitos direcionadas à comunidade LGBT.²⁶ Cabe considerar que tal problemática contempla, na mesma medida, o universo das vivências heterossexuais. Os relacionamentos pós-modernos caracterizam-se pela fluidez e pela impermanência a compor o hedonismo narcísico da mera realização dos desejos sexuais, carentes de anseios e necessidades profundas de afecção e de encontro humano e espiritual.

Tantos outros elementos poderiam ser elencados no intuito de ampliar o horizonte sombrio da margem homofóbica de nossa cultura.²⁷ Importa, entretanto, transpor esse horizonte assolado pela negatividade de valores hoje carentes de sentido e realizar a ousada travessia necessária à passagem para a outra margem. Margem desenhada pela positividade da valorização da vida, do respeito e da afirmação das diversidades, bem como lugar da manifestação da pluralidade de gênero e cores.

4.2 *Repensar o “armário”: abertura à diversidade e conquista da autonomia*

Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.
Caetano Veloso

A metáfora expressa na imagem “sair do armário” merece ser revisitada e transfigurada. Ordinariamente designa a atitude de se assumir a identidade de gênero. Por sua vez, a imagem do armário apresenta grande ambiguidade. Negativamente, remete ao aprisionamento dos desejos e da identidade, evoca sufocamento e escuridão. Representação pejorativa sobre a atitude de se assumir as pulsões sexuais e sobre a “saída do armário”. Entretanto, há de se ir além dessa simples representação, já desgastada e carente de sentido, e na acuidade perceber a imagem do guarda-roupa sob perspectiva positiva.

Enquanto tal, o guarda-roupa expressa apelo à criatividade, abertura à diversidade, possibilidade de conquista da autonomia. Nesse sentido, os heterossexuais também devem se deparar com seus guarda-roupas/armários pessoais e desvendar suas múltiplas brechas. O guarda-roupa pode representar, como intuído nas “Crônicas de Nárnia” (da obra de C. S. Lewis), o convite a se passar à outra margem. O desafio de se empreen-

26 Sobre esse tema consultar: BAGGIO, A. M. *La strada di Eros: sessualità e amore nella società delle immagini*. Roma: Città Nuova, 1989.

27 Sobre o assunto, cf. “A tradição judaico-cristã”. In: BORRILLO, D. *Homofobia*. p. 48-56.

der tal travessia pode se tornar menos árduo se inspirado e fortalecido no exemplo daqueles que já realizaram o percurso e se dispõem a partilhar as experiências vividas:

As histórias de vida das pessoas que ousaram construir sua identidade a partir da homossexualidade podem desconstruir esses estereótipos, ajudar outras pessoas homossexuais no seu processo de conscientização acerca de si mesmas e fomentar novos modelos que emergem quando a heterossexualidade compulsória é questionada.²⁸

As portas do armário pós-moderno conduzem a novos mundos e se abrem a um sem-fim de possibilidades tolhidas anteriormente pelo império arbitrário da verdade objetiva. Traduzem-se no horizonte possível de exercício da relacionalidade e da convivência pacífica. Portas talhadas pela escuta da filosofia hermenêutica e da crítica à interpretação única da realidade, bem como da verdade já dada e esgotada historicamente de uma vez por todas. Armário a abrigar diversidade de estilos, modelagens, tendências e muito mais propício à coexistência do múltiplo. Para alguns críticos, pobre pecador relativista; para outros, via possível de integração das diferenças e convivialidade no respeito ao uso da autonomia e da liberdade pessoal do sujeito.²⁹ O desafio de se sair do armário apresenta-se compensador quando se constata os frutos positivos advindos da atitude corajosa de posicionar-se em meio ao ambiente hostil de homofobia e negação da diversidade:

À medida que os homossexuais começaram a “sair do armário”, a ter voz pública, a sociedade percebeu que eles são pessoas como quaisquer outras. Começaram a ser questionadas as noções de homo e heterossexualidade, compreendendo que esta é compulsória, que ninguém é naturalmente heterossexual, e que isso é uma construção social. Há intelectuais brilhantes dizendo isso, tanto de orientação homo como heterossexual. Isso abalou o regime de verdades instituído, abrindo espaço para se manifestarem da mesma maneira que qualquer outra pessoa. Isso foi uma conquista do movimento gay, assim como as mulheres tiveram suas conquistas com o movimento feminista, o que não quer dizer que os problemas estão todos resolvidos.³⁰

28 MUSSKOPF, A. *À flor da pele*: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 154.

29 Cf. SALES, Omar L. P. F. de. “*Amai-vos uns aos outros – basta de homofobia*”: a feiticeira, o guarda-roupa e o leão. Disponível em: <http://twixar.com/iliFcjfXYLNJ>. Data de acesso: 29/08/2011.

30 RAGO, M. “O natural não é ser homem ou mulher: a dissolução da identidade”. In: *Corpo e sexualidade*: a contribuição de Michel Foucault. Revista *IHU On-Line*. São Leopoldo: Unisinos. Ano X, n. 335, 28/jun./2010, p. 9 (texto completo da p. 8-11).

A “saída do armário” vem acompanhada da busca de legitimidade e reconhecimento das novas relações configuradas. Em contraposição à queda de realização de matrimônios religiosos e do alto índice de divórcios civis, os homoafetivos querem se casar e lutam pela possibilidade do reconhecimento civil de seus direitos e deveres. Importante passo foi dado pelo Supremo Tribunal Federal ao reconhecer a legalidade da união entre casais homoafetivos. “O STF reconheceu que a relação entre duas pessoas do mesmo sexo constitui uma entidade familiar e que, portanto, casais homossexuais têm o mesmo direito que casais heterossexuais”.³¹

Ao ser entrevistado sobre os avanços e limites da decisão do Supremo Tribunal Federal em relação a essa questão, Pe. Luís Corrêa Lima adverte:

Existe ainda algo básico a ser feito: coibir a aversão a pessoas homossexuais, isto é, a homofobia. Ela desencadeia diversas formas de violência (física, verbal e simbólica) contra estas pessoas. No Brasil são frequentes os homicídios, sobretudo de travestis. Há também o suicídio de muitos adolescentes que se descobrem gays, e mesmo de adultos. Eles chegam a esta atitude extrema por pressentirem a rejeição hostil da própria família e da sociedade. Há pais que dizem: “Prefiro um filho morto que um filho gay”. Esta hostilidade gera inúmeras formas de discriminação, seja na família, seja na escola, no trabalho ou em outros ambientes; e, mesmo que não leve à morte, traz frequentemente tristeza profunda ou depressão.³²

Compete também à tradição cristã, matriz constitutiva da cultura ocidental, desempenhar o papel de *mater et magistra* e assumir o compromisso de afirmação da vida negada e vilipendiada, mediante posturas capazes de atualizar o conteúdo salvífico da mensagem cristã perante os desafios impostos pela cultura contemporânea.

4.3 A superação da homofobia e as igrejas cristãs

A passagem para a outra margem exige a tomada de atitude das diversas instituições e instâncias da sociedade, afinal o

31 INFORMATIVO LIBERTOS. Tudo sobre o “casamento” gay. Belo Horizonte: Rona Editora, Ano I, n. 8, jun/2011, p. 4.

32 Disponível em: <http://twixar.com/imNT2YIJ7laql>. Data de acesso: 13-09-11. Na mesma entrevista Pe. Luís ainda destaca o grande mérito da decisão do STF: Significa o reconhecimento da união homoafetiva como entidade familiar em todo o país, desde que atendidos os requisitos exigidos para a formação da união estável entre homem e mulher; e também que os mesmos direitos e deveres dos companheiros nas uniões estáveis estendem-se aos companheiros nas uniões entre pessoas do mesmo sexo. Para o direito brasileiro, de agora em diante, a união gay é família, ainda que não seja casamento. Esta decisão repercute na vida das pessoas e das instituições, motivando-as a visibilizar a homossexualidade”.

problema da homofobia diz respeito a todos. Nessa perspectiva, cabe também às igrejas cristãs redimirem-se da violação dos direitos humanos já cometida ao longo dos tempos e proporcionar alento àqueles que, hoje, buscam conciliar sua condição sexual com a fé e a vivência cristã.

James Empereur, padre jesuíta, ilumina possível horizonte de redenção:

A homossexualidade é um dos dons mais significativos de Deus para a humanidade. Ser gay ou lésbica é ter recebido uma bênção especial de Deus. Todos os humanos recebem suas graças especiais do Criador, mas Ele escolheu que alguns fossem gays e lésbicas como uma maneira de revelar algo a respeito de Sua identidade que os heretosseuais não revelam.³³

Reconhecer a homossexualidade como dom implica considerar a riqueza da manifestação dos desígnios de Deus na vida das pessoas, os quais não podem se reduzir e enquadrar em moldes pré-estabelecidos. Tal atitude tolhe a liberdade criativa de Deus e marginaliza a história de vida, o processo de constituição de identidade e da vivência das particularidades que constituem cada pessoa, no exercício de fazer soar a própria melodia.³⁴ Condenar e culpabilizar o estranho, o diferente, classificando-o como pária, pressupõe sobrepujar a misericórdia divina e desconsiderar o apelo de Deus à realização humana. O chamado universal à vida em plenitude, já na transitoriedade do peregrinar humano, é extensivo a todos, uma vez que “Deus não faz acepção de pessoas”.³⁵

As igrejas cristãs devem, na humildade e na força do Espírito, se deparar com a crise interna que lhes acomete e, a partir de mudança de perspectiva, abrirem-se profeticamente aos novos tempos e às novas interpelações.³⁶ Os desafios pós-modernos evocam a sensibilidade eclesial para se ler e interpretar os dias de hoje não à luz da “imutabilidade da revelação divina”, mas à guisa da força criativa da presença do Espírito de Deus no ventre

33 EMPEREUR, J. E. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 1. Para o autor, durante a direção espiritual a pergunta a ser feita (pelo diretor espiritual) é como “esses relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo são um meio de graça para as pessoas envolvidas e como é que as pessoas que vivem em tais uniões rumam para a santidade por meio das lutas que lhes são específicas”? (EMPEREUR, J. E., 2006, p. 3). Sugestão adicional de leitura: ALISON, J. *Fé além do ressentimento: fragmentos católicos em voz gay*. São Paulo: É realizações, 2010.

34 O termo pessoa vem do latim *per-sonare*, fazer soar a melodia. A palavra latina alude ao grego *prósopon* e refere-se às máscaras utilizadas no teatro para caracterizar o sentimento do personagem.

35 Rm 2,11.

36 Acerca das fragilidades e dos desafios presentes nas instituições eclesiais, cf.: COZZENS, D. B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. São Paulo: Loyola, 2001.

da história, a fazer sempre novas todas as coisas.³⁷ Não se pretende afirmar a adequação da revelação divina à vontade humana. Antes, importa sustentar a necessidade de as igrejas cristãs se abrirem à luz da constante atualização da revelação de Deus na história e à luz dos valores cristãos, ao horizonte de sentido capaz de ainda comunicar ao ser humano a novidade revelada.

No que tange a utilização e instrumentalização dos textos bíblicos para justificar a perseguição à diversidade sexual, cabe considerar:

Os textos bíblicos não são regras eternas e abstratas, que afirmam uma única verdade para todos os tempos... A revelação de Deus não começa e tampouco se encerra na Bíblia... A Bíblia traz textos dos quais se pode deduzir um pecado ou uma atitude homossexual. Mas para condenar uma pessoa de orientação homossexual, como acontece nos dias de hoje através de preconceitos e discriminações, que levam à violência, exclusão social e até à morte, deve-se repensar, ver e reler a Bíblia e nossas ideias sobre sexualidade. Mas não basta ler ou reler os textos bíblicos se não lermos ou relermos os nossos preconceitos, verdadeiras falsas e estáticas.³⁸

O diálogo das igrejas com a sociedade compõe o cenário de liberdade de expressão característico do Estado democrático de direito. Há de se valorizar o debate em torno de questões polêmicas de interesse público. Por sua vez, as igrejas não devem impor aos não fiéis suas crenças particulares. Bancadas religiosas, ao fundamentarem as escolhas mediante orientação doutrinária e ao estabelecerem acordos partidários em prol dos pró-

37 Cf. 2Cor. 5,17.

38 ROESE, A. "Se Deus é contra, por que me fez assim? Bíblia, homossexualidade e ética". In: *Sexualidade e homossexualidade na Bíblia*. Estudos Bíblicos, n. 66, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2000, p. 71. André Musskopf afirma: "Uma Teologia Gay centrada na Bíblia não pode querer provar a legitimidade da homossexualidade, mas precisa buscar formas para curar as feridas deixadas pela discriminação e pelo menosprezo e permitir que gays e lésbicas questionem os padrões instituídos, descobrindo seus corpos e uma maneira autêntica de viver a sua sexualidade e corporeidade (MUSSKOPF, A. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 159). Sobre esse assunto deve-se ainda considerar: "Não é necessário encontrar passagens específicas na Bíblia para sermos capazes de avaliar os 'relacionamentos de uma noite', a prostituição masculina e os encontros em banheiros e saunas como não promovendo a vida em Deus. O sexo manipulador recebe o mesmo julgamento que qualquer outro tipo de exploração. Contudo, quanto a dois homens ou mulheres em um relacionamento amoroso comprometido, que realmente querem estar juntos e doar-se um ao outro, com uma vulnerabilidade tão completa quanto possível, tanto a Bíblia como Jesus não se pronunciam" (EMPEREUR, J. E. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 105-106). Para Empereur, a condenação à homossexualidade, advinda por parte das igrejas, privilegia a tradição e o direito natural, assim como interpreta passagens bíblicas específicas situadas diante de outras grandes questões como a hospitalidade e a pureza ritual.

prios interesses, ferem o princípio da laicidade do Estado e exercem a violência de buscar doutrinar aqueles que não se situam dentro de seus pastoreios/domínios eclesiais. Tal tomada de postura já denota fechamento à discussão e evidencia a dificuldade das instituições de abrirem mão do poder que outrora exerceram. Cabe à população atentar para a prática de seus representantes e ir à luta pelos direitos.³⁹

Vislumbra-se via possível de superação da homofobia por meio da práxis transformadora a afirmar o cuidado como paradigma fundamental das relações humanas. Nessa perspectiva, as igrejas cristãs podem se demonstrar grandes aliadas.

5 “Passemos para a outra margem”: interpelações do paradigma do cuidado

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Leonardo Boff

5.1 A crise de sentido e a angústia do humano

O período contemporâneo pode ser caracterizado pela presença de grande crise de sentido em dúplice vertente: existencial e teleológica. Ambas relacionam-se entre si. A crise existencial configura-se pela angústia do sujeito atual perante a falta de sentido da vida e perante o sentimento de incompletude gerado pelos ideais inatingíveis de consumo e de obtenção de prazer. A sociedade contemporânea coroa tais objetivos como meta absoluta a ser alcançada.

A falta de sentido do presente reflete a ausência do horizonte futuro a significar o peregrinar cotidiano. Ao se perder a perspectiva teleológica, da finalidade última do existir, ancorada nos valores transcendente-espirituais, o ser humano encontra-se desamparado de horizonte de sentido e acredita poder remediar-se com a busca de realização fugaz dos desejos temporais. Aqui se situa o consumo exacerbado como fonte de compensação, demonstração de sucesso e poder, bem como o hedonismo pós-moderno, marcado pela necessidade do gozo extremo e de buscas constantes por novos prazeres. Consumismo e hedonismo têm se revelado grandes vilões ao produzirem con-

39 Várias marchas em prol da defesa da laicidade do Estado foram organizadas ao longo de 2011 em todo o Brasil. Disponível em: <http://twixar.com/6qdF5KFi0nUE5>. Data de acesso: 17-09-11.

tínuas demandas nunca plenamente saciadas e, portanto, a criação de novas necessidades a assolar o desejo das pessoas. Ao retroalimentarem círculo vicioso de desejos sem fim, tais pseudonecessidades angustiam e fragilizam a já debilitada condição pós-moderna.

A mídia associa a ideia de liberdade à capacidade de consumo, a qual deve ser vivenciada ao extremo para configurar a concretização do ideal de sujeitos livres. Os limites econômicos, físicos, espaciais, emocionais..., característicos da finitude constitutiva do ser humano, são negados e a angústia existencial se agrava mediante a constatação do esgotamento das possibilidades de consumo e de obtenção de prazer. Quanto mais o sujeito se angustia diante da necessidade de possuir o carro do ano, o último modelo de celular, notebook, mais objetiva a própria existência e se reduz a algo (não mais alguém) à disposição dos objetos, agora os reais detentores do poder de sujeito perante as pobres pessoas reféns da lógica perversa do mercado. A angústia da vida presente associada à ausência de perspectiva futura emoldura o quadro da existência pós-moderna.

À crise de sentido se acrescenta a crise advinda do esgotamento dos recursos ecológicos, da constatação dos limites da tecnologia e dos valores éticos. Complexo cenário afeta a dinâmica das relações humanas, por vezes relegadas ao segundo plano e cada vez mais passageiras, instrumentalizadoras do outro e assoladas pelo preconceito, negação da diversidade e acirramento das diferenças. O tempo e a vitalidade que poderiam ser dispensados às pessoas, agora se destinam às coisas. O mundo virtual adquire precedência sobre o real. Altera-se a geografia e o espaço das vivências pessoais e comunitárias. Se positivamente ampliaram-se as possibilidades de comunicação, negativamente tornaram-se mais diluídas e descompromissadas. Se por um lado se amplia a consciência da existência de multiplicidade de tribos, grupos e manifestações políticas e religiosas, por outro se propagam as xenofobias, homofobias e preconceitos generalizados.

Tal realidade evoca paradigma capaz de harmonizar as relações humanas e propor horizonte capaz de transmutar positivamente os valores empenhados na diminuição da vida.

5.2 O paradigma do cuidado

A crise de sentido e o vazio existencial que acometem o ser humano culminam por adoecer a sociedade. “É tempo de naufrágio e de queda, no qual a crise de sentido do que se é e do que se faz torna-se característica comum, às vezes até mesmo aspecto peculiar da inquietude pós-moderna”.⁴⁰ Atualmente

40 FORTE, B. *Teologia em diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 10.

mais de 17 milhões de pessoas sofrem de depressão no Brasil. Cada vez mais tal doença atinge adolescentes e crianças. Segundo a Organização Mundial de Saúde, em 2030 a depressão será a doença mais comum no mundo.⁴¹

Tal realidade exige tomada de atitude capaz de oferecer novos horizontes para o quadro de crise que se propaga. Para além do Prozac e das clínicas de SPA, há de se propor “tratamento” capaz de corresponder integralmente às carências do sujeito pós-moderno. Nessa perspectiva, propõe-se o *paradigma do cuidado* como caminho de transformação.

Considera-se o cuidado/saber cuidar como referencial, por evocar a sensibilidade dos valores femininos constitutivos da sociedade, tão necessários ao resgate do respeito à diversidade. Urge promover os valores do cuidado como a acolhida, o respeito, a tolerância, a hospitalidade, a capacidade de estabelecer afetos, princípios fundamentais às sociedades contemporâneas absorvidas pela lógica do consumo e da banalização da vida. Atitudes ditas femininas, mas harmonizadoras das tensões e integradoras do masculino e do feminino presentes em cada pessoa. Para Leonardo Boff, “há uma demanda por valores não materiais, por uma redefinição do ser humano como um ser que busca um sentimento plenificador, que está à procura de valores que inspirem profundamente sua vida”.⁴²

Há como conciliar o ser “macho” e a ternura, o ser viril e a gentileza, na arte de se estabelecer os encontros-confrontos e no desafio de se criar e estreitar laços afetivos e efetivos. O machismo arraigado na cultura considera fraqueza a sensibilidade de uma lágrima masculina derramada diante das adversidades da vida. “Meninos não choram” demarca a violência impetrada contra a sensibilidade, a finitude e a solidariedade constitutivas do ser humano independentemente da matriz sexual dominante. *Urge o resgate dos valores femininos na cultura contemporânea.* A humanização da sociedade passa pela centralidade da sensibilidade não piegas, mas atitude de abertura aos anseios e lutas do outro. Atitude sensível disposta a construir pontes para se passar à outra margem e capaz de promover o cuidado como dimensão fundamental das relações humanas.

Na sua origem semântica (latim), a palavra “cuidado” significa “desvelo”, “preocupação pela pessoa querida ou por um objeto de estimação”. Trata-se de uma atitude de preocupação com o outro que parte, e ao mesmo tempo possi-

41 Dados disponíveis em: <http://twixar.com/jnsE5vHvh0S>. Data de acesso: 17-09-11.

42 BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006, p. 11.

bilita a sensibilidade para uma experiência humana e o reconhecimento do outro como sujeito digno.⁴³

A partir do exercício do cuidado, pode-se vislumbrar o caminho de acolhida das homossexualidades, travestilidades e transexualidades como algo constitutivo do outro, do qual devo me aproximar em atitude de escuta e reverência. Deixar o outro se pronunciar significa reconhecer que muito além de meus pré-conceitos e pré-determinações irrompe alguém (e não algo) que se diz do modo possível mediante o qual se organiza e constitui. Implica reconhecer a existência de lutas e anseios diferentes dos meus. A teoria musical ensina que essa diferença pode ser positivamente dissonante e não desafinada, como por vezes tem sido considerada. A dissonância não compromete a harmonia e a beleza do conjunto. Pelo contrário, compõe e enriquece a orquestra da vida.⁴⁴

A partir dessa compreensão justifica-se a atitude de reverência diante do outro que se me apresenta como mistério irreduzível a qualquer tentativa de determinação ou compreensão absoluta dentro desse ou daquele padrão unívoco qualificado como conveniente. O saber cuidar, atitude necessária a essa reverência, conjuga as diversas dimensões do ser humano e encontra horizonte de integração e coroamento do humano a partir do cuidado espiritual. Isso porque a espiritualidade se relaciona “com aquelas qualidades do espírito humano – tais como o amor e compaixão, paciência e tolerância capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros”.⁴⁵

Para além do cuidado com o corpo, com a dimensão afetivo-emocional e psíquica, bem como o cuidado para com as relações pessoais (relacional-dialógico), advoga-se o *cuidado espiritual como eixo integrador das dimensões da pessoa e capaz de promover a mudança interior*.⁴⁶ As ações e comportamentos externos podem ser transfigurados a partir do cultivo não apenas

43 ZOBOLI, E. “O cuidado: no encontro interpessoal o cultivo da vida”. In: BERTACHINI, L.; PESSINI, L. (org.). *Encanto e responsabilidade no cuidado da vida: lidando com desafios éticos em situações críticas e de final de vida*. São Paulo: São Camilo/Paulinas, 2011, p. 57 (texto: p. 57-70).

44 A arte da composição musical exige grande habilidade do artista ao criar melodia marcada pelo registro e harmonização de sons dissonantes. O resultado final expressa rara beleza.

45 BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Op. cit., p. 15. O transcendente sempre exerceu fascínio sobre o ser humano, como sujeito inscrito pela abertura existencial às realidades últimas e ao ultrapassamento do mero dado físico e fugaz das realidades cotidianas. A dimensão simbólica constitutiva das diversas culturas e civilizações atesta a abertura humana ao infinito, capaz de significar e ressignificar a realidade.

46 “Espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior” (BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Op. cit., p. 13).

da exterioridade e da interioridade do ser humano, mas da profundidade da dimensão espiritual a tecer a trama do mistério do peregrinar humano.

Cabe ressaltar que as igrejas cristãs, para além das possíveis idiosincrasias presentes em alguns de seus representantes, têm muito a oferecer. Homens e mulheres de grande vivência espiritual compõem as fileiras eclesiais. Mentes abertas e acolhedoras se empenham no aconselhamento e na escuta. Grandes são os exemplos deixados pelos místicos como Inácio de Loyola, Tereza d'Ávila, Mahatma Gandhi..., a interpelar e iluminar os caminhos da busca pessoal pela realização da espiritualidade. A "passagem para a outra margem" exige conversão pessoal e empenho comunitário, social, político. Fica o convite a interpelar as liberdades em prol da construção de uma sociedade capaz de promover e cuidar da vida.

Conclusão

Chega-se ao fim do percurso de reflexão e proposição de grande desafio: a afirmação e valorização do múltiplo e do dissonante. A discussão privilegiada contemplou o universo da homofobia, mas poderia ter sido o do racismo, o do fundamentalismo, o da escravidão infantil... Não se intentou fazer uma apologia às homossexualidades, às travestilidades e às transexualidades, tampouco considerá-las como novo princípio normativo. Objetivou-se apenas discutir a possibilidade da existência das diferenças e do respeito à dignidade das alteridades sexuais. O princípio normativo da pós-modernidade deve garantir a existência da diversidade. Promover a valorização das diferenças. Permitir outros modos de ser, desde que a vida seja promovida, acolhida e respeitada.

O paradigma do cuidado apresenta-se capaz de fundamentar práxis comprometida com a ruptura do sistema de negação, de exclusão e de assassinato do outro. Cuidado que há de perpassar das pequenas instâncias da vida às mais amplas e complexas. Cuidado a integrar as dimensões do humano e a convivência pacífica entre as pessoas.

A sociedade, civil e pública, possui papel bem definido a desempenhar: ler a realidade, discutir, formar consciências críticas, legislar, estabelecer políticas públicas e constantemente questionar as práticas adotadas. O papel dos grupos e comunidades LGBT também se define. Não basta ir às paradas e promover festas. A mesma multidão que toma as ruas, dezenas e centenas de milhares de pessoas, deve integrar os fóruns de discussão, os grupos de estudo das universidades, elaborar propostas, exercer a cidadania junto aos órgãos competentes. Tal protagonismo encarna grande compromisso advindo da saída do armário. Para além da purpurina, há muito que se fazer!

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- ANATRELLA, T. *O amor e o preservativo*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGGIO, A. M. *La strada di Eros: sessualità e amore nella società delle immagini*. Roma: Città Nuova, 1989.
- BOFF, L. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- _____. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- DAVI, E. H. *Intolerância e homossexualidade: as marcas da homofobia na cultura ocidental*. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?q=causas+da+homofobia&hl=pt-BR&btnG=Pesquisar&lr=>. Data de acesso: 07/09/2011.
- DUSSEL, E. *Para uma ética da libertação latino-americana*. Vol. III: Erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola/Unimesp.
- EMPEREUR, J. E. *Direção espiritual e homossexualidade*. São Paulo: Loyola, 2006.
- FORTE, B. *Teologia em diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LEERS, B.; TRASFERETTI, J. A. *Homossexuais e ética cristã*. São Paulo: Átomo, 2002.
- LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MUSSKOPF, A. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Por uma “Belo Horizonte sem homofobia”*: texto base da I Conferência Municipal LGBT de Belo Horizonte, 2011.
- POSSAS, L. M. V. “As múltiplas significações de gênero: reflexões a partir da violência e da exacerbação da masculinidade de um grupo de skinheads paulista”. In: *Espaço cultural*. Ano X, n. 21, 2º semestre de 2009. Marechal Cândido Rondon: Cepedal, p. 97-104.
- RAGO, M. O natural não é ser homem ou mulher: a dissolução da identidade. In: *Corpo e sexualidade: a contribuição de Michel Foucault*. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. São Leopoldo: Unisinos. Ano X, n. 335, 28/jun./2010, p. 8-11.
- ROESE, A. Se Deus é contra, por que me fez assim? Bíblia, homossexualidade e ética. In: *Sexualidade e homossexualidade na bíblia*. Estudos Bíblicos, n. 66, Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 2000, p. 70-82.
- SALES, O. L. P. F. de. “*Amai-vos uns aos outros – basta de homofobia*”: a feiteiceira, o guarda-roupa e o leão. Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=44625. Data de acesso: 29/08/2011.
- VATTIMO, G. *Addio alla verità*. Roma: Meltemi, 2009.

_____. O amor fraco. In: *Caderno Mais*. Folha de São Paulo, 02/jul./2006.

ZOBOLI, E. O cuidado: no encontro interpessoal o cultivo da vida. In: BERTACHINI, L; PESSINI, L. (org.). *Encanto e responsabilidade no cuidado da vida: lidando com desafios éticos em situações críticas e de final de vida*. São Paulo: São Camilo/Paulinas, 2011, p. 57-70.

TEMAS DOS CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ermani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Klipp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Kruschke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Musskopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airon Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (ant)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado mineiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud

- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Élda Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring
- N. 53 *Juízos ou emoções de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 54 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 55 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 56 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 57 *O decrescimento como condição de uma sociedade convívial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 58 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 59 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 60 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 61 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 62 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Verissimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 63 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 64 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Addressa da Silva
- N. 65 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 66 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 67 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 68 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 69 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 70 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 71 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 72 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 73 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Léa Freitas Perez
- N. 74 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 75 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 76 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 77 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugão Rios
- N. 78 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 79 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 80 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 81 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Arno Alvarez Kern
- N. 82 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 83 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 84 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton & Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 85 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 86 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 87 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 88 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 89 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 90 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 91 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 92 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 93 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 94 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 95 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 96 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 97 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 98 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 99 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 100 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 101 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 102 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 103 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida
- N. 104 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 105 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 106 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha

- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, termo e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montaño
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques & Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral & Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet & Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira & Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke & Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge & Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni



Omar Lucas Perroux Fortes de Sales é natural de Belo Horizonte-MG. Bacharel em Filosofia e Teologia. Mestre em Teologia Moral pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE e doutorando em Teologia Sistemática pela mesma instituição. Membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER e do grupo de pesquisa *Fé e Contemporaneidade: os impactos da sociedade moderna e pós-moderna sobre a fé cristã*, coordenado pelo professor Dr. João Batista Libanio. O autor possui experiência nas áreas de Filosofia Contemporânea, Teologia e Ética, com destaque para os seguintes temas: ética da libertação, globalização, pós-modernidade e niilismo, teologia fundamental e fé cristã.

Algumas publicações do autor

SALES, Omar L. P. F. de. A contribuição da Ética da Libertação de Enrique Dussel para o advento de uma nova consciência planetária. In: *Anais do III Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009, p. 1031-1046.

_____. *Ética da libertação de Enrique Dussel: implicações sobre a globalização atual e a fé cristã*. Belo Horizonte: FAJE, 2007.

_____. “Graças a Deus sou ateu”: filosofia, cristianismo e fé cristã. In: *Anais do IV Simpósio Internacional de Teologia e Ciências da Religião*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

_____. Globalização e fé cristã: perspectivas e desafios. In: *Anais do IV Congresso Internacional de Ciências da Religião*. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2011, p. 306-314.

_____. *Nos caminhos do niilismo: cristianismo e secularização*. In: http://br.groups.yahoo.com/group/FE_CONTEMPORANEIDADE/message/266.